

Apresentar o livro *Leituras da Psicanálise - estéticas da exclusão* é falar de um percurso pessoal, sedimento de sentido que a leitura proporcionou. Quase uma descrição espacial, é o que eu gostaria de poder fazer, à moda dos mapas antigos, memorandos prescritivos de ações de um percurso a fazer, de que fala Michel de Certeau (p.107-108), no artigo de Miriam Chnaiderman, "Escrituras Urbanas". O mapa foi aos poucos se separando do itinerário, narrativa de uma série discursiva de operações, sua condição de possibilidade. Ele se tornou uma descrição redutora, totalizante das observações. É esta abstração que eu gostaria de evitar, por isso vou apontar marcos, que formaram, após a leitura, aglutinações de sentido. O livro é composto pelas intervenções dos autores no II Simpósio de Leitura e Psicanálise que ocorreu no XI Congresso de Leitura do Brasil, em Campinas, em junho de 1997.

Quem são os excluídos a que o livro se refere? Personagens construídos em obras literárias: Macabéa, a nordestina, cujo mistério é não se conhecer a não ser "através de ir vivendo à toa" (p. 17), em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Ana, a filha de criação, que não é empregada, por isso não tem salário, e como não é filha, o trabalho é sem trégua, além de, como um negro de ganho, trabalhar fora e entregar o lucro à mãe de criação, em *Resumo de Ana* de Modesto Carone. Otacília, Drizilda, Maria Exita, antigas e belas, "imagens sutis de uma espécie de desejo 'em suspenso' das personagens femininas, à espera do príncipe e senhor" (p. 151), na obra de Guimarães Rosa. Há também os loucos de rua, do filme *Dizem que sou louco* de Miriam Chnaiderman, personagens documentais, "memória viva, embora residual de uma época em que a loucura tinha direito de cidade e em que a partir de sua estranheza, mantinha um comércio simbólico rico com a cultura vigente" (p. 100). Agora, "encarna tudo aquilo com que a sociedade

## A exclusão no quiasma entre a obra literária e a psicanálise

*Resenha de Mario Eduardo Costa Pereira (org.), Leituras da Psicanálise - estéticas da exclusão, São Paulo, ALB e Xenon Ed., 1998, 168 p.*

não quis conviver de perto e que ela excluiu de vez; uma outra lógica, um outro desejo, uma outra palavra, um outro olhar" (p. 100).

O organizador do livro, Mario Eduardo Costa Pereira, nos esclarece na apresentação que a idéia de exclusão remete ao problema topológico do que é o dentro e do que é o fora que, em psicanálise, já aparece ligado ao sintoma, este inquietante corpo estranho que é ao mesmo tempo reconhecido como parte e como estrangeiro ao eu. A inquietante estranheza está presente também no artigo de mesmo nome de Freud, onde psicanálise e estética, psicanálise e análise literária desfrutam de um enriquecimento mútuo que "permite uma elucidação e um aprofundamento conjunto de problemas específicos a cada uma delas" (p. 8). Em "A voz e a letra dos excluídos: notas sobre o feminino em Guimarães Rosa: exclusão e resistência", Cleusa Rios P. Passos aproxima psicanálise e crítica literária, dizendo que "entre múltiplos caminhos e ignorando a regularidade do tempo cronológico, a psicanálise trilha - por meio do silêncio e da pontuação - o da escuta e o da expectativa de elaboração de palavras e de imagens, visando ao desejo, à ver-

dade singular e a um "sentido imaginário" para a própria vida. Integrando tradição e história, a crítica literária apresenta traços semelhantes, ao sublinhar, nas articulações verbais que contêm produções imaginárias, a singularidade do texto, perscrutando um conjunto particular de sentidos sem o cristalizar. Mas é no artigo de Mário, "Solidão e Alteridade em A Hora da Estrela", de Clarice Lispector, que encontramos a expressão da problemática da exclusão ali onde ela habita mesmo o cerne da linguagem, no quiasma entre a obra literária e a psicanálise, no "papel decisivo da alteridade na busca de uma verdade inesgotável pela linguagem" (p. 13). Diz o autor que o resultado a que o psicanalista chega na leitura do livro de Clarice, "revela uma surpreendente condição de exclusão, não apenas social ou psicológica,

mas especificamente intra-subjetiva: incapacitado de ter acesso pela linguagem ao ponto de origem de suas próprias paixões, o sujeito encontra-se numa condição de exclusão interna, afastado de si mesmo, padecendo dos efeitos daquilo que possui de mais essencial. Essa incomunicabilidade fundamental, essa impossibilidade de nos traduzirmos inteiramente em face do outro, coloca a cada um de nós numa posição de absoluta solidão, que corresponde à singularidade de nosso desejo" (p. 14).

Mas a idéia de estética da exclusão é inseparável das idéias de poética e ética da exclusão. Esses dois eixos centrais aparecem em dois artigos. O primeiro deles, nas reflexões sobre o ato criador e o trabalho de criação em "A construção de um herói obscuro", de Sonia Novaes de Resende. Se os personagens literários e os loucos são matéria de uma estética da exclusão já que (segundo Passeron, em nota do artigo de Nelson, no próprio livro) o que interessa é a sua recepção enquanto obra de arte, o trabalho artístico de Joseph-Ferdinand Cheval, apresentado no texto de Sonia, é matéria para uma poética da exclusão enquanto a autora se preocupa com a gênese da obra de arte. Aliás, ela vê no trabalho deste artista a inseparabilidade do lugar "excêntrico" que ocupa o ato criador em relação a uma determinada cultura, o problema paradoxal de uma aparente subjetividade sem sujeito. Sonia faz, no seu artigo, uma preciosa leitura tanto da obra escultural e arquitetônica (mostrada em fotos no livro) como dos cinco diários de Cheval. A autora evita cuidadosamente uma leitura sintomática da obra. Como diz Cleusa Passos em seu artigo, a literatura não constitui um caso exemplar da psicanálise e eu acrescentaria que isto vale a todas as formas de expressão artística. A psicanálise só pode compor com outras

áreas do conhecimento o trabalho crítico, realçando elementos, em geral, pouco observados.

Sonia tenta pensar a criação à luz da psicanálise, mais precisamente à luz do modelo do sonho e dos destinos da pulsão, este conceito eminentemente psicanalítico. A autora ressalta que se o sonho é ele mesmo uma criação, o processo onírico dá ao sujeito criador a possibilidade de desdobrar-se, fazendo nascer fora dele, na obra de arte, uma realidade que é ele. Se o efeito estético que produz é o de uma marginalidade é porque rompe com o presente, irrompe pelo fracasso do recalque cultural se situando numa fronteira lábil e móvel, que atravessa o espaço e o tempo, colocando o espectador diante de uma outra temporalidade. Quanto aos destinos da pulsão, Sonia vai apontar que uma das principais funções da obra de arte é “estabelecer ao mesmo tempo uma distância e uma proximidade suficientes com os movimentos pulsionais que estão em excesso (que não foram empregados em outra coisa) para lhes dar um corpo: quer seja na tela, na pedra, na palavra ou no som” (p. 60-61). Um psiquismo freqüentemente transbordante de um excesso de força pulsional é característica principal do artista, sendo o trabalho de criação sustentado, estimulado e alterado pelas representações inconscientes dos processos psíquicos que gravitam em torno de dois grandes temas: a sexualidade e a morte. Relembrando Freud, ela

nos diz que em Cheval, “criar é sem dúvida renascer, mas a partir de suas fezes e urinas”, pois “nenhuma criação artística verdadeira deixa de passar primeiro pelas tripas e pelo doloroso sofrimento e intensa angústia das fantasias anais” (p. 66).

O outro eixo central aparece no texto de Nelson da Silva Junior, “Modelos de subjetividade em Fernando Pessoa e Freud. Da catarse à abertura de um passado imprevisível”. Esse eixo é agora um eixo ético, que atinge o livro todo enquanto tira a exclusão do plano do dentro-fora de uma subjetividade estável, mas a torna sempre uma dobra mutante a ser incluída numa concepção aberta da subjetividade, num movimento de criação contínua de ser em devir, cristalização e dissipação. Nelson procura mostrar uma transformação na concepção dos modelos de cura e de subjetividade em Freud. Diz o autor, “o modelo catártico da cura implica um modelo de sujeito essencialmente fechado, permanente, regido pela figura de uma identidade consigo mesmo. Entretanto, em seus últimos textos, Freud opera com conceitos absolutamente incompatíveis com a idéia de um sujeito essencialmente idêntico a si mesmo. A lógica dos conceitos implica o que aqui denominamos uma concepção aberta da subjetividade” (p. 120).

É a este último Freud que Nelson vai atribuir o predicado de pessoano, em contraposição tanto ao Freud aristotélico como ao Freud platônico de outros momentos de constituição de seu pensamento. A obra de Pessoa, segundo Nelson, tem o valor de ter operado uma ruptura radical com o paradigma da identidade em sua concepção do sujeito. “Assim como o processo analítico no último Freud, a poesia pessoana teria como seu efeito fundamental não a catarse, mas uma alteração da subjetividade” (p. 121). Tentar perceber até que ponto vai a afinidade entre Freud e Pessoa, vem do interesse de uma pas-

sagem pela poética que possibilite uma releitura da metapsicologia em sua função de escuta transformadora do discurso. “A leitura da obra de Pessoa terá assim uma potencialidade epistemológica ante a psicanálise ao destacar, nela, seu caráter essencialmente aberto” (p. 121).

Mas é garimpando no texto freudiano *Moisés e a religião monoteísta*, que encontramos uma das passagens mais bonitas do livro e certamente a dimensão ética inovadora do pensamento de Nelson. O autor diz que será este o texto freudiano que nos permite reintroduzir mais claramente a noção de subjetividade aberta na interpretação freudiana da cultura. Freud, ao desconstruir o próprio judaísmo (o que encontra vale para qualquer outra herança cultural), neste texto de 1939, encerra sua obra com a negação radical de uma identidade mítica no humano. “Refuta qualquer pretensão de princípio de identidade, no que diz respeito ao sujeito, pela refutação corajosa da mitologia identitária das próprias origens. Foi uma resposta íntegra ao culto hipócrito que o paganismo nazista fazia das próprias ‘origens históricas’ apoiado na idéia de uma identidade com os fundamentos. Neste sentido, uma concepção do humano e, portanto, uma discussão ética em psicanálise encontra aqui seu documento mais radical” (p. 139). O modelo aberto de subjetividade teria como correlato técnico o caráter essencialmente fragmentário, e portanto interminável, de uma construção. “Enquanto criação pelo processo analítico, a historicidade do sujeito freudiano é essencialmente não um dado concreto, mas sim, um

produto do sentido. Diferentemente da historiografia material, a historicidade psicanalítica funda-se em sua abertura iminente para um passado imprevisível” (p. 146).

Para finalizar, último marco de nosso mapa que talvez relance a trajetória, para um novo itinerário que venha a formar um novo mapa: “o paradoxo de uma marginalidade que é antes de mais nada a profunda interrogação de seus limites” (p. 77), como nos diz Sônia sobre a arte de Cheval. Tanto ela como Miriam, falam deste paradoxo. Em Cheval, sua obra em pedra “Palácio dos sonhos”, é uma força de atração do outro, um apelo de comunicação, uma luta pelo reconhecimento através do jogo dialético do desejo. Por sua vez, os loucos de rua, “depositários da história e estórias da cidade” (p. 116) através do tempo, colocam tanto a possibilidade de um nomadismo produtor de percursos, instaurador de uma casa possível a eles, como seu limite. Não basta ver sem ser visto. Há o apelo de um olhar que barre a instalação, no olho, do duplo, do terror e da loucura. Um olhar que propicie a inserção, em alguma linguagem, no simbólico. Como diz Miriam, os percursos podem ser lidos como zonas erógenas, fendas cavadas em que todos nós buscamos nos apropriar criando códigos singulares a partir daquilo que nos olha. Nesta óptica pulsional, a cidade se torna o lugar de “permanentes quiasmas de olhares cruzados” (p. 117).

**Renata Udler Cromberg** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.